



Trabalho de campo de Biogeografia em tempos de pandemia: Geografias da experiência

Igor Oliveira Duarte^{1*}, Janise Bruno Dias²

¹ *Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil* (*Autor correspondente: igoroliveiraduarte1@gmail.com)

² *Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento, professora e pesquisadora na Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.*

Histórico do Artigo: Submetido em: 28/03/2023 – Revisado em: 05/05/2023 – Aceito em: 06/07/2023

RESUMO

O trabalho de campo é uma ferramenta essencial para se desenvolver o conhecimento geográfico. Ele proporciona ao estudante vivenciar os fenômenos geográficos, estando face às particularidades espaciais. A vivência de campo ainda possibilita a descoberta da potencialidade da percepção ambiental frente às transformações da paisagem e que o mesmo seja o porta-voz de seu aprendizado. Contudo, a pandemia de covid-19 impediu a ocorrência de trabalhos de campo para a graduação na UFMG. Ferramenta muito relevante e defendida no projeto pedagógico do curso de Geografia. No retorno presencial e ainda com restrições, a disciplina de Biogeografia se viu provocada a buscar novas propostas para a realização do campo. Assim, este trabalho busca avaliar as experiências de campo em Biogeografia, como ferramenta da construção do conhecimento geográfico, realizadas no primeiro semestre de 2022, através dos registros em diários de campo feitos pelos discentes.

Palavras-Chaves: Trabalho de campo, biogeografia, pandemia.

Biogeography field work in times of pandemic: geographies of experience

ABSTRACT

Field work is an essential tool for developing geographic knowledge. It allows the student to experience geographical phenomena, being faced with spatial particularities. The field experience also allows the discovery of the potentiality of environmental perception in the face of landscape transformations and that it is the spokesperson for its learning. However, the covid-19 pandemic prevented the occurrence of fieldwork for graduation at UFMG. Very relevant tool and defended in the pedagogical project of the Geography course. In the face-to-face and still with restrictions, the discipline of Biogeography was provoked to seek new proposals for the realization of the field. Thus, this work aims to evaluate the field experiences in Biogeography, as a tool for the construction of geographic knowledge, carried out in the first half of 2022, through the records in field diaries made by the students.

Keywords: Field work, biogeography, pandemic.

Duarte, I. O., Dias, J. B. (2023). Trabalho de campo de biogeografia em tempos de pandemia: geografias da experiência. *Educação Ambiental (Brasil)*, v.4, n.3, p.02-11.



Direitos do Autor. A Educação Ambiental (Brasil) utiliza licença *Creative Commons* - CC Atribuição Não Comercial 4.0

1. Introdução

“A natureza produz sensações delectáveis à criança, que tem mente aberta, indiferença por si mesma e falta de preocupação pelas regras de beleza definidas. O adulto deve aprender a ser complacente e descuidado como uma criança, se quiser desfrutar polimorficamente da natureza.” (Tuan, 1980, p.111)

O trabalho de campo é uma ferramenta essencial para atingir a compreensão espacial que almeja a ciência geográfica. Esta vem sendo pensada epistemologicamente e aplicada desde os primeiros trabalhos considerados geográficos. Ainda hoje, o trabalho de campo, é relevante enquanto uma estratégia pedagógica que através da vivência pode causar ao estudante uma provocação, uma curiosidade, a essência da descoberta, o que Wright (2014) chama de “libido geográfica”. A experiência de campo proporciona a capacidade de interpretar os fenômenos para além da teoria, possibilitando que o discente seja capaz de re-conhecer, ler e atribuir um sentido às particularidades espaciais.

No Projeto Pedagógico do curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), aprovado pelo colegiado do curso de Geografia, o trabalho de campo “é essencial à análise espacial, aliando à sua importância intelectual, cognitiva e afetiva, a tarefa de qualificar a reflexão e aprofundá-la” (Geografia/UFMG, 2015, p.19) E como apontam, *in loco*, face às diversidades da realidade dos processos gerais.

E é através do trabalho de campo que o estudante poderá enfim compreender o seu lugar dentro do conjunto dessas interações relacionais entre sociedade e a produção e transformação do espaço. Nesse sentido, aqui pode-se lançar mão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). No documento, a Geografia:

“trabalha com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição, para identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza em sua interação”. (BRASIL, 1998, p.26).

Ainda, ressalta a capacidade dos estudos da paisagem na Geografia para se interpretar as transformações espaciais e sociais que ocorreram/ocorrem, ao longo do tempo geológico e histórico.

A vivência de campo pode proporcionar ao estudante/pesquisador a compreensão dessas singularidades espaciais, tendo em vista que estará imerso nelas. Afinal, “Regiões, paisagens, lugares e territórios não são únicos, mas sim particulares. São especificações de uma totalidade da qual fazem parte através de uma articulação que é ao mesmo tempo funcional e espacial” (Serpa, 2006, p.17). Uma especificação de um “processo geral, universal”.

O trabalho de campo pode ainda se tornar uma chave para abertura da porta do diálogo com sigo e suas vivências, sua bagagem. Teórica e vivida. “Torna-se porta-voz do seu cotidiano, suas ansiedades e práticas” (Geografia/UFMG., 2015, p.21). O destino do campo se torna um espaço de descobertas de novas vivências. As particularidades dos processos são como as sereias foram para navegadores, companheiros de Ulisses, descritos em Wright (2014), e o discente, enquanto geógrafo em campo, se desprende do mastro que o impedia de seguir essa “libido geográfica” (Wright, 2014, p.9), a fim de finalmente ir de encontro às terras incógnitas a se destrinchar no lugar.

Na Biogeografia, o campo se torna fundamental para apresentar “problemas de ocorrência e de distribuição biogeográficas que podem ser interpretados mediante observação, registro, experimento, etc.” (Furlan, 2005, p.109). Para essa ciência geográfica, que se preocupa com os processos ecológicos e distributivos, também os fatores social e temporal não podem ser desconsiderados. As paisagens estão sendo alteradas rapidamente no mundo moderno. O que causa implicações nos territórios da fauna e flora. O trabalho de campo aqui é primordialmente observacional - mas não só (grifo nosso) -, contando com registros e coleta de informações dos componentes paisagísticos considerando o tempo e espaço (Furlan, 2005).

No entanto, no início de 2020 o mundo passou a enfrentar uma das maiores questões de saúde dos

últimos anos, a pandemia de covid-19. Devido a isso, as disciplinas tiveram de mudar seus formatos afetando a experiência geográfica, principalmente por impossibilitar os trabalhos de campo devido ao isolamento social.

Todavia, com o retorno presencial, deparamos com certas inquietações e desafios para esse retorno. Como realizar as atividades de campo com segurança sanitária, visto que a pandemia ainda está ativa? Como realizar um campo tendo em vista a carestia de recursos que a universidade enfrenta, decorrente dos cortes de verba políticos? E, como realizar um campo, que ainda assim, seja fiel a capacidade pedagógica que permeia nessa metodologia?

Neste trabalho temos como propósito iniciar uma reflexão acerca das experiências de campo, propostas na disciplina de Biogeografia (semestre 1/2022), como ferramenta da construção do conhecimento geográfico, utilizando dos registros em diários de campo, feito pelos discentes. E refletir se os mesmos revelam, nas suas experiências geográficas, as particularidades dos processos geográficos vivenciados por cada um, mencionados no projeto pedagógico do curso e discutido por alguns autores. Verificar também se o período pós ensino remoto potencializou de alguma maneira a experiência geográfica de campo.

2. Construindo Um Percurso (Materiais e Métodos)

Para o pré-campo foi indicado a leitura dos textos do boletim Paulistano (nº84, 2006) e o projeto pedagógico do curso para um diálogo em sala. E, depois, uma conversa acerca da experiência de campo, baseada nos mesmos textos aqui referidos.

As atividades de campo foram realizadas dentro do limite político-administrativo do município de Belo Horizonte, Minas Gerais. Algo não muito comum à disciplina, pois comumente os campos de Biogeografia eram realizados em contexto mais regionais, como para a Serra do Gandarela, na região do Quadrilátero Ferrífero. Inovação feita com o intuito de diminuir o tempo de aglomeração em um ônibus, um espaço pequeno e de certa forma fechado. O uso de máscaras era obrigatório em todos os locais. Os locais propostos para as incursões a campo foram (Figura 1): Estação Ecológica da UFMG (EEco)¹, Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB)², Parque Municipal Ecológico do Brejinho³ e Parque Municipal da Serra do Curral⁴. Áreas protegidas, sendo dois protegidos e geridos pela prefeitura, e outros dois pela UFMG, com as perspectivas de ensino, pesquisa e extensão.

¹ <https://www.ufmg.br/estacaoecologica/>

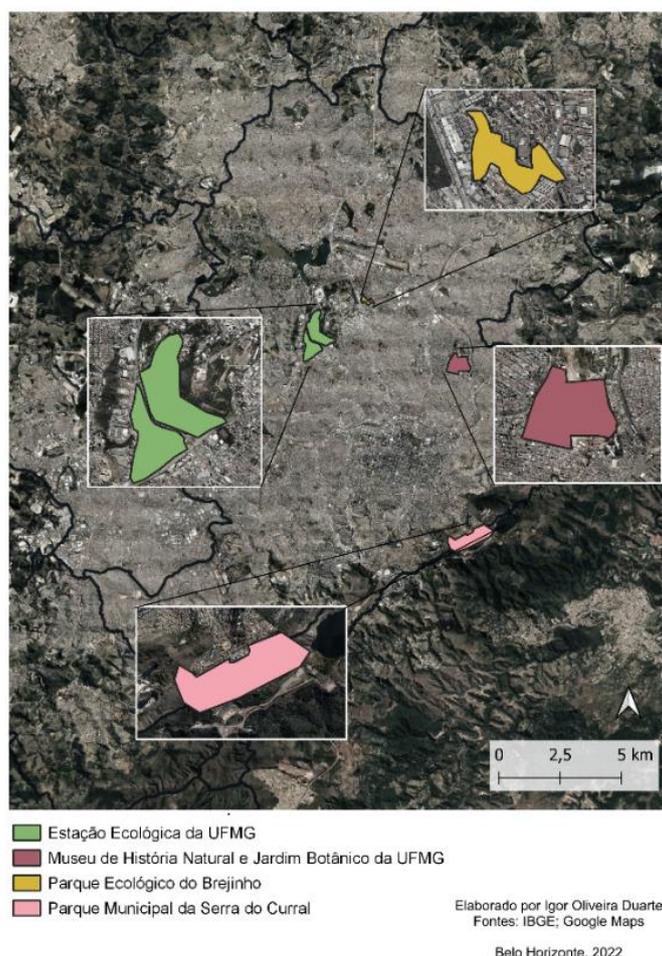
² <https://www.ufmg.br/mhnjb/>

³ <http://portalbelohorizonte.com.br/o-que-fazer/ao-ar-livre-e-esportes/parque/parque-ecologico-do-brejinho>

⁴ <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica/informacoes/parques/parque-da-serra-do-curral>

Figura 1. Destinos dos trabalhos de campo em Biogeografia da UFMG em 2022/1. Todos realizados dentro do território do município de Belo Horizonte.

Destinos dos trabalhos de campo em
Biogeografia da UFMG.
1º semestre letivo de 2022



Fonte: IBGE; Google Maps.

Na Estação Ecológica da UFMG, a primeira atividade foi uma exposição sobre o histórico do local. Em seguida foi proposto uma dinâmica chamada “mapa dos sons” com o objetivo de sensibilizar os estudantes para o local em que se encontravam e assim pudessem, em silêncio, vivenciar a paisagem, primeiramente através dos sons, registrando dentro de uma cruz, cujo centro era ele próprio, de onde vinham e do que se tratava. Essa atividade provê uma percepção espacial de observação e registro, partes primordiais à pesquisa biogeográfica, como diz Furlan (2005).

Posteriormente, esses registros, deveriam ajudá-los na construção do relatório final e um diário de bordo (de campo). Diário esse que deveria conter, além desta atividade, todas as experiências relacionadas a sua percepção dos locais ali trabalhados. Depois, foi realizada uma trilha ambiental para maior conhecimento do espaço e das questões ambientais que ali permeiam (Figura 2). Por fim, ocorreu a coleta de dados fito

fisionômicos, através do método do *transecto*, numa área de 25 metros de comprimento e 2 de largura, para elaboração de um perfil fitofisionômico com o objetivo de discutir, a partir dos dados levantados, as características fito fisionômicas, estruturais e de distribuição vegetal na área estudada.

Figura 2: Estudantes dialogando sobre questões biogeográficas na Estação Ecológica da UFMG (Mai/2022).



Fonte: acervo pessoal dos autores.

No MHNJB, contudo, não ocorreu a atividade sensorial, realizando a parte de percepção, observação e registro através de uma roda de conversa inicial (Figura 3) acerca de seu histórico de inserção e transformação espacial e uma trilha, onde pôde-se compreender a respeito de questões ecossistêmicas e geográficas do local. Também foi realizado o levantamento de dados por meio do *transecto*. Com a finalidade de comparar os dados fito fisionômicos dos dois espaços, em mesma escala.

Figura 3: Roda de conversa entre os estudantes e a professora no MHNJB da UFMG (Jun/2022).



Fonte: acervo pessoal dos autores.

No Parque Municipal Ecológico do Brejinho ocorreu um diálogo sobre as questões territoriais, portanto políticas, que circundam o parque. Essa troca de saberes ocorreu junto a integrantes do coletivo local que fazem o manejo e mobilização e conservam a área. Além disso, foi possível ter contato com a prática agroecológica e entender a relevância do parque para a sociedade e para o próprio ecossistema (Figura 4). Aqui foi primordialmente ressaltado a vivência espacial. Puderam estar face aos problemas que o coletivo do parque Ecológico do Brejinho ainda enfrenta e como eles ajudam na conservação, preservação e reverberação do espaço.

Figura 4: Estudantes tendo uma experiência prática do cotidiano do coletivo do parque (Jun/2022).



Fonte: acervo pessoal dos autores.

No Parque Municipal da Serra do Curral foi realizado inicialmente uma pequena conversa acerca de alguns elementos da paisagem e territoriais que pôde ser observado ao longo do trajeto do parque anterior a esse. Logo após foi feita uma caminhada até o mirante 3 do parque. Ao longo da caminhada foram discutidas questões relacionadas a zona de transição de biomas e os aspectos interdisciplinares da biogeografia com as outras ciências físico-geográficas. Nessa atividade foi ressaltado também o aspecto relacional da sociedade com o ambiente, uma vez que a paisagem percebida atualmente foi moldada ao longo dos anos por meio de atividades antrópicas. Já no topo, foi discutido a respeito dos processos geológicos e geomorfológicos e como esses processos implicam em seu ecossistema, uso e cobertura. Tais questões foram levantadas com a produção de um perfil geoecológico entre o centro do município de Nova Lima e o Instituto de Geociências em Belo Horizonte, representando a geomorfologia, geologia, uso e cobertura, e, refletindo sobre suas relações.

Para avaliação dessas atividades, sua essencialidade na leitura e análise geográfica do trabalho de campo, será utilizado os registros de três diários de bordo. Cada diário pertence a um discente de cada uma das turmas⁵. Escolhidos aleatoriamente. Duas pessoas do gênero feminino e uma do masculino.

⁵ Apesar de ter sido ofertado quatro turmas de Biogeografia, para uma das turmas a administração foi feita por uma professora convidada cujas atividades não foram as mesmas que da professora responsável pela disciplina, ainda que tenham contemplado o plano de ensino da disciplina.

3. Reflexões e Discussões

Os registros incisivos nos diários são resultado de suas experiências. Foram feitos através de escrita, fotografias e filmagens – uma vez, que alguns preferiram fazer de forma digital. A atividade de percepção sonora foi capaz de gerar um sentido àquele espaço. Os sons descritos muito se podem refletir a respeito da localização da Estação Ecológica da UFMG, enquanto um fragmento florestal dentro de um grande espaço urbano e o que isso implica em sua ecologia. E para isso estiveram face a esses sons o que os afetou a pensar de forma mais empática o espaço. Escreve um estudante:

“É importante refletir como o som gerado pelas atividades humanas impactam na natureza, uma vez que alguns animais utilizam deste sentido para a comunicação entre eles, marcação de território, proteção ou reprodução. Do contrário também cabe uma flexão; como o som da natureza interfere na natureza humana, já que para alguns pode ser tido como uma terapia ou para a nossa produção artística como faziam os povos indígenas, isto é, melodias, poesias, pinturas baseadas em cantos das aves, balanço dos galhos das árvores ou das ondas do mar, da chuva, dos insetos”

No entanto, ele ainda poderia, a partir dessa descrição, lançar mão de alguma bibliografia a fim de explicar tais relações que faz. Contudo, pode-se observar que apenas a partir da percepção dos sons, ele conseguiu fazer associações quanto à ecologia e cultura. Bastava por fim buscar dialogar com outros autores, como por exemplo os textos de Bondía (2002) e do Nietzsche⁶, para melhor efetivar as contribuições fenomenológicas. Se questionando o porquê e como ele escuta tais sons. O mesmo caso acontece com outra estudante ao expor:

“A sensação é um pouco confusa quanto aos barulhos, apesar de estar um clima fresco e agradável e com barulho de passarinhos, no qual acho um som bem relaxante, havia o barulho do tráfego de carros na Avenida que era próxima dali e de conversa de pessoas que estavam visitando a Estação também.”

Todavia, a outra estudante chama a atenção para outro aspecto. Ela busca refletir sobre a natureza terapêutica, que a reconexão com áreas verdes promove. Escreve:

“Foi muito bom parar por um momento e nos concentrarmos no agora. Fechar os olhos e sentir a natureza à nossa volta. Sentia o vento passando por mim, como se a natureza estivesse me abraçando e conversando ao pé do ouvido. Foi um momento de calma que muitas vezes sentimos falta. Até o cheiro da natureza consegui apreciar. Ainda houve os cantos dos pássaros, que foram mais de um e mais de uma espécie. Queria poder saber qual era este animal que tão lindamente cantava. Foi como se o tempo, naquele momento, tivesse parado e toda preocupação que estava ou estivesse em minha cabeça tivesse desaparecido. Eu estava em paz comigo mesma.”

Ela expõe algo que Bondía (2002) expõe em seu texto. Atualmente, comumente somos sujeitos de estímulo. Onde tudo toca, tudo chega, tudo se atravessa, porém nada permanece. Territórios de passagem. Afinal, “A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos” (Bondía, 2002, p.23). O autor, contudo, clama por um momento de silêncio onde ele pode se tornar um território de chegada. E é isso que essa atividade promoveu nesta estudante. O tempo de silêncio foi capaz de causar um gesto de interrupção em seu cotidiano agitado para que por fim o espaço pudesse afetá-la.

“Começo a me sentir uma especialista na identificação delas”, brinca, após ter contato com alguns indivíduos de paineira nos espaços da Estação Ecológica e MHNJB. O qual foi possível, que apenas com a

⁶ NIETZSCHE, F. (2000). O andarilho. In: humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres; **Companhia de Bolso**. Ip.

promoção da vivência nesses espaços eles puderam retomar questões de sucessão ecológica – o que foi mais explorado por eles no relatório final -, como escreve:

“Em primeiro lugar chama a atenção o porte das árvores, são mais densas e altas se comparadas com as da Estação Ecológica, isto se deve ao maior tempo em pousio. ”

Além disso, também foram capazes de retomar questões evolutivas e adaptativas no espaço do jardim sensorial que o Museu possui. O que fez pensar:

“[...] interessante foi a “orelha de lebre” da família Lamiaceae de origem mediterrânea, porque a folha tinha um formato de orelha e era peludinha e muito macia de passar a mão. Era muito fofinho! É impressionante a variedade de espécies existentes e como cada uma possui evoluções específicas para melhor adaptá-las ao ambiente. No caso da “orelha de lebre”, a penugem que cobre as folhas reduz a perda de água [...]”

O Parque Ecológico do Brejinho deixou de ser, como diria Wright (2014), uma terra incógnita⁷ para muitos dos estudantes. Relataram nunca terem ido e/ou nem mesmo conheciam a existência desse espaço. Por ser um parque implementado recentemente, em 2021, a SAF (Sistema Agroflorestal) ainda está em seus estágios iniciais de desenvolvimento, podendo causar impressões um tanto equivocadas. *“Quando chegamos, pensei que estávamos entrando em um terreno abandonado”*. Além disso, também houve a reflexão a respeito da presença de crianças no coletivo que promovem o cultivo e produção do espaço do parque. A conexão com o coletivo do parque foi tamanha que resultou em um certo engajar para ações futuras, como escreve uma das alunas:

“A partir desta experiência, passo a buscar formas de poder ajudar mais as pessoas e estar inserida em causas importantes de cunho social e ambiental. Ver aquelas pessoas juntas, unidas, se ajudando, deu-me esperanças de que juntos podemos sim fazer algo. ”

Já no Parque Municipal da Serra do Curral os estudantes conseguiram primeiramente obter uma experiência estética. Afinal, a beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido (Tuan, 1980, p.108). Contudo, para além disso, eles atribuíram sentidos ao espaço decorrente de seu histórico de transformação. Sejam transformações do próprio meio físico quanto por meios antrópicos. Chegando a expressar até mesmo uma certa indignação. As interferências humanas na modificação da paisagem saltaram aos olhos dos discentes. Assim escreve uma:

“Ali vi a perfeição que a natureza é e como o homem consegue tirar a beleza dela em tão pouco tempo. Uma natureza que levou milhões de anos para chegar naquele estado, o ser humano acaba em segundos. O contraste entre o que ainda é preservado e o que foi modificado é gritante. Deixando-nos perplexos com o que vemos. ”

Eles ainda descrevem as observações acerca dos aspectos fitogeográficos da região. Notam a presença de muitos indivíduos exóticos como eucaliptos e coníferas, como também a transição de uma vegetação mais característica dos campos rupestres ferruginosos e a floresta estacional semidecidual. E mais, com a subida até o mirante conseguiram observar a especulação imobiliária e atividades mineradoras que já existem na região, mesmo sendo um território tombado. O estudante registra:

“[...] é possível notar pela altitude do parque o uso e ocupação do solo pelo empreendedorismo imobiliário sobre os espaços florestais e na atividade de mineradora, barragens, estradas, maquinários, cavas de minas. ”

⁷ Espaços desconhecidos ao sujeito revelados a partir da experiência.

Nesse sentido, a vivência de campo promovida foi importante enquanto estratégia pedagógica para a produção do conhecimento geográfico dos estudantes. E, podemos concluir que o feito resultou em uma Geosofia relevante para o estudo da Biogeografia. Conceito esse, promulgado por Wright (2014). Onde os estudantes puderam ler a paisagem a partir de como o espaço e as relações inseridas no espaço se revelam a eles.

Além disso, por meio de seus relatos, pôde-se notar que as experiências provocadas resultaram em um grande envolvimento estético às paisagens que os acomodaram. Principalmente ao revelarem que desconheciam alguns dos espaços. E, para além da questão estética, puderam refletir sobre alguns aspectos biogeográficos e como esses aspectos se relacionam a fenômenos expressos em questões territoriais, políticas, sociais e econômicas.

Tais momentos de pausa e posteriormente de diálogos resultaram em contatos físicos com a natureza e trocas importantes para reflexão de dinâmicas espaciais e da paisagem. E, ao lançar o olhar para o tempo de reclusão que todos enfrentaram durante a pandemia, se tornou mais relevante, principalmente para os seus individuais quanto para possíveis trabalhos de campo que poderão realizar em suas futuras carreiras docentes, visto que, as turmas cursam licenciatura. E, provocar esse contato com os espaços de natureza se faz muito importante. Pois, na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais (Tuan, 1980, p.110). Assim, podendo ajudar nessa questão, ainda que não entrasse em uma educação ambiental crítica, seria possível provocar possíveis topofilias para então trabalhar outros fenômenos inscritos dentro da ecologia política, com a finalidade de chegar em tal educação ambiental.

4. Considerações Finais

O trabalho de campo reestruturado para atender exigências de segurança sanitária teve um aspecto muito experiencial. No entanto, parece ter possibilitado que os estudantes tecessem associações ecológicas, culturais e sociais apenas a partir dos sons. Assim a atividade apresentou uma satisfatória capacidade de gerar reflexões sensíveis do espaço, por meio da leitura da paisagem, a partir dessa promoção de vivências sensoriais. No contexto pandêmico atual, foi possível observar uma “disposição” dos estudantes ao campo, por terem vivenciado um período longo sem a experiência. Despertando novamente no educando a consciência da descoberta e da percepção socioespacial (Geografia/UFMG, 2015) e ambiental.

Contudo, em alguns momentos que se poderia tecer diálogos com outros autores para transformar a experiência e a vivência em algo mais profundo, que pudesse ressaltá-las enquanto geografias do espaço vivido, não foi feito. Em Bondía (2002) o tempo do “ócio” /da pausa para desfrutar e refletir sobre o fenômeno são extremamente necessários, todavia, não há espaço suficiente dentro do semestre letivo. O processo do registro se limita por isso à descrição. Mas esse registro é importante. Assim você valoriza o “diário de campo/de bordo” como ferramenta que não pode “descolar” da experiência geográfica e deve receber “tudo” que é a experiência geográfica.

A atividade de percepção dos sons se mostrou com grande potencial para provocar sensações, despertar sentidos do lugar, uma vez que se promoveu a pausa, o silêncio e a conexão. Principalmente, ao lembrarmos do grande período de isolamento que todos enfrentaram decorrente da pandemia. Talvez para os próximos trabalhos de campo na disciplina e outros, fosse interessante desenvolver mais essa atividade, a fim de que, por meio dos sentidos, de suas subjetividades, da exposição do sujeito, a paisagem seja desvelada e a biogeografia do cotidiano se revele mais rica em detalhes singulares e diálogos.

Sobretudo, é importante ressaltar que o trabalho de campo é uma ferramenta essencial para a construção do raciocínio geográfico o qual é almejado alcançar no curso de graduação em Geografia. É essencial para compreensão de fatos locais de um fenômeno espacial. As reflexões que os estudantes fizeram sobre os espaços escolhidos para as atividades aqui destacadas só puderam ser feitas a partir da presença e entrega corpórea e mental. Quais seriam as reflexões se não pudessem vivenciar tais experiências? É possível mencioná-las? E se

o ensino presencial não tivesse retornado, como encarariam o trabalho de campo? Substituir essas vivências concretas por virtuais novamente? O geógrafo precisa do trabalho de campo para analisar o espaço, tal qual o espaço precisa do geógrafo. O espaço é o paciente, e os geógrafos seus clínicos. Pode-se encarar um fenômeno espacial como uma enfermidade, os sintomas são similares em vários pacientes, mas sempre há particularidades a cada organismo, paciente, e, é importante analisar tal organismo frente a ele. Assim como o espaço de um trabalho de campo está para o geógrafo.

5. Agradecimentos

Com carinho, os agradecimentos vão primeiramente à universidade, Universidade Federal de Minas Gerais. Seguidos para o departamento de Geografia do Instituto de Geociências (IGC), e para a PROGRAD (Pró-Reitoria de Graduação) da universidade pela realização do programa de monitoria de graduação. Afinal, o presente trabalho é resultado da monitoria na disciplina de Biogeografia. Outros agradecimentos ao Laboratório de Biogeografia e Climatologia do IGC e da cooperação com outros professores que utilizam o espaço. E por fim, aos estudantes da disciplina por terem participado com êxito nas reflexões, caminhadas e diálogos durante a realização durante as atividades supracitadas.

6. Referências

Bondía, J. L.B. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. N.19. p. 20-28.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Secretaria de educação fundamental. Disponível em: < <https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-05-geografia.pdf> >. Acessado em fev/2023. 1998.

Geografia/UFMG. **Projeto pedagógico dos cursos de graduação em geografia**. Departamento de geografia/IGC/UFMG. Disponível em: < https://virtual.ufmg.br/plataforma/pluginfile.php/178984/mod_resource/content/2/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%202015.pdf >. Acessado em fev/2023. 2015.

Furlan, S.A. (2005). Técnicas de Biogeografia. In: Venturi, L.A.B. (org) **Praticando Geografia: Técnicas de campo e laboratório**. São Paulo, Oficina de Textos, p. 99-130

Serpa, A. (2006). O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico–metodológica. **Boletim paulista de geografia**. São Paulo, n°84, p. 7-24.

Tuan, Y. (1980). **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo. DIFEL. 288p.

Wright, J. K. (2014). Terrae Icoognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade** v. 4, n.2. 15p.